

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º 4 entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	5\$000	2\$500	8500	8120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

20.º Anno — XX Volume — N.º 674

20 DE SETEMBRO DE 1897

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela P. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Como se foram em dias consecutivos de grande gala, ouvem-se constantemente salvas alegres no Tejo.

Além da esquadra hespanhola que ostenta nos mastros grandes dos seus couraçados a bandeira de cores vivas, vermelha e amarella, entraram ha dias pela barra a fragata allemã *Nixe*, o cruzador americano *S. Francisco* e o couraçado brasileiro *Almirante Barraso*.

Não tem faltado as festas, lunches, jantares, matinses, recitas, passeios.

A bizzaria dos portuguezes corresponderam os officiaes hespanhoes com as maiores amabilidades.

A ultima festa parece que ha de realizar-se no Sporting Club de Cascaes, para o que uma commissão composta dos srs. Conde da Guarda, Conde das Galveias, Visconde de Assoca, Jorge O'Neill, Fernando de Serpa e Visconde da Ribeira Brava, dirigiu convite ao sr. contra-almirante Bermejo, illustre commandante da esquadra surta no Tejo.

O povo portuguez, o que raras vezes acontece, tomou sua parte nas festas officiaes, tendo sido constantemente victoriada a marinha hespanhola nas festas em que tem comparecido em publico alguns dos seus representantes.

No Real Colyseu, onde o povo se apinhava nos logares da geral, os vivas foram delirantemente correspondidos.

Cada qual em sua casa, nada mais ardentemente para desejar do que a continuacão da amizade dos povos irmãos, mais que nenhuns na Europa.

Mesmo cœo nos illumina, mesmos rios cantam as mesmas canções pelos valles que vegetações eguaes sombreiam. Ha pedaços de fronteira que nenhuma linha natural demarca, e muito transmontano tem a sua casa em Portugal, d'onde sae

para ir a um passo regar a sua horta em Hespanha.

Mas mais que tudo une um paiz ao outro a mesma tradição gloriosa. Nem as maiores tormentas podem apagar no Atlantico, no Pacifico, nos mares da India e da China esse poema escripto no azul das aguas pela espuma branca a demarcar a esteira das caravelas de Bartholomeu Dias, Christovam Colombo, Vasco da Gama, Pizarro, Fernão de Magalhães e tantos outros, que levaram triumphantes pelo inteiro mundo os pavilhões gloriosos.

No entretanto a Hespanha soffre e ninguem

pode por enquanto dizer o que a fortuna lhe reserva.

Um artigo de fundo diz o *New-York Herald* que a negativa da Hespanha em aceitar os bons conselhos do governo do Estados-Unidos na questão de Cuba obrigará o gabinete de Washington a substituir as suas amigaveis propostas por um ultimatum.

Na opinião do *Daily Mail* está imminente uma grave crise.

Entretanto a Hespanha vaee encontrando para sustentar a lucta, novos elementos no amor patrio de seus filhos, e continua a ser a mesma nação heroica, não manchando com um passo a recta-guarda suas tradições de gloria.

Veio a esquadra dar a Lisboa uma animação que ella ha muito não via, no triste mez que vaee decorrendo.

Apenas dois theatros, o do Principe Real e o da Trindade conservam as suas portas abertas. As empresas d'essas casas d'espectaculo, imitando a do Colyseu, dedicaram umas recitas á tripulacão dos navios estrangeiros surtos no Tejo.

E em Lisboa nada mais ha que valha a pena citar-se como noticia theatral.

No Porto abriu as suas portas o theatro do Principe Real, da empresa Taveira, sendo delirantemente applaudida pelo publico a endiabrada Angela Pinto, que, como boa filha, a casa tornou.

Apresentou-se n'os 28 dias de Clarinha, em que ella desempenha um dos melhores papeis do seu enorme repertorio.

Parece certo que, d'esta vez, irá abismar os brazileiros, já um tanto descoraçoados na esperanca de verem um dia essa mulher-mytho.

Continua a dar espectaculos no Para a companhia do empresario Juca, da qual fazem parte os actores Joaquim Costa e Alfredo de Carvalho e em que, segundo as gazetas, brilha como astro de primeira grandeza a Gina Conde, uma pequenita sympathica e de bonita voz, que, ainda não ha um anno, se estreou no theatro da Rua dos Condes. Deve já ter-se apresentado no publico Mercedes Blasco, que, ha tempos, sahio de Lisboa com Pe-



O REI DE SIAM CHULALON-KORN E SEUS FILHOS

(Cópia de uma photographia)

dro Cabral, afim de reunir-se á companhia.

No Rio de Janeiro causaram enthusiasmo os concertos de Vianna da Motta e de Moreira de Sá, esses dois grandes artistas musicaes, que tem de ir tão longe da patria procurar a consagração do talento e o premio a que tem jus pelo amor á arte e dedicação ao trabalho. São dois artistas de raça, e é com orgulho que devemos lêr as linhas que todos os criticos d'arte dedicam aos dois illustres portuguezes.

Bom é que, de quando em quando, alguém nos honre no estrangeiro, onde, de mistura com verdades cruéis, tanta calúnia nos assacam, com tanto desprezo ás vezes nos tratam.

Um dia ha de voltar em que o ser portuguez seja um titulo de gloria.

Poucos ultimamente nos souberam vingar como esse que, por tantos titulos, bem merece a consagração que um grupo de amigos e collegas lhe prepara.

Sousa Martins foi dos melhores portuguezes d'este seculo. A iniciativa da commissão de medicos que trata de publicar as obras do grande mestre e o livro *In memoriam* e de levantar no jardim da nova escôa a um monumento architetónico em honra do fallecido sabio, ha de corresponder a boa vontade de quantos tem por dever um sentimento de gratidão a quem tantos beneficios distribuiu com mão larga.

Acha-se publicada a primeira lista de subscriptores, entre os quaes se vêem os nomes d'El-rei, da Senhora D. Amelia e da Senhora D. Maria Pia. A quantia subscripta já sobe a mais de cinco contos de réis.

Uma das suas ultimas cartas foi escripta a Eduardo de Abreu, quando o *Adamastor* chegou ao Tejo.

E esse pequeno cruzador em meio de tantos e tão poderosos navios, conta aos extranhos ainda uma pagina gloriosa da nossa historia. E' como um traço de luz viva em meio do negrume em que as almas esmorecem.

Velhas historias de heroes nos relembram, a cada instante nos despertam a memoria.

Ha poucos dias chegou a Lisboa o enviado extraordinario do Japão junto das côrtes de Hespanha e Portugal. Trazia para El-rei as insignias do Chrysantemo de ouro com que o brindava o imperador do extremo oriente.

O Japão, que vae hoje a passos rapidos no caminho do progresso e que será brevemente uma das mais poderosas nações do mundo, teve as primeiras noções da grande civilização europeia por intermedio dos arrojados exploradores que primeiro desembarcaram n'essas longinquoas praias. A historia do imperio acha-se eternamente ligada á nossa propria historia. Os nomes prestigiosos de Fernão Mendes Pinto, o encantador classico portuguez, e o de S. Francisco Xavier, o heroico missionario, encimam luminosamente os capitulos mais notavaveis d'essa historia gloriosa.

Que enorme distancia não vai do Japão descripto nas paginas enternecedoramente singellas do pobre Fernão Mendes a essa terra d'onde nos vem o sol, novamente descripta agora por outro portuguez illustre, uma nova gloria da litteratura nacional, Wenceslão de Moraes!

Diz assim o capitulo I da *PREHISTORIA*: «Do que passei em minha mocidade n'este reino até que me embarquei para a India.»

Começa a triste historia. *Do que passei*, diz elle; *puñera dizer; do que soffri.*

«Quando ás vezes ponho deante dos olhos os muitos e grandes trabalhos e infortunios que por mim passavam, começados no principio da minha primeira idade e continuados pela maior parte e melhor tempo da minha vida, acho que com muita razão me posso queixar da ventura, que parece que tomou por particular tenção e empreza sua perseguir-me e maltratar-me, como se isso lhe houvera de ser materia de grande nome e de grande gloria.»

Treze vezes foi captivo, desasete foi vendido. A peregrinação de Fernão Mendes é a historia d'um longo martyrio.

Que differença não vai do Japão d'esses tempos ao florescente imperio d'agora, cortado pelos caminhos de ferro, semeado de escolas, coalhado de fabricas, cujas industrias se tornaram o verdadeiro terror dos industriaes e commerciantes europeus!

Pois para todo esse progresso concorreram mais que todos os portuguezes, sendo os primeiros a desembarcar nas praias, que breve se lhes tornaram inhospitas.

Historia gloriosa foi a nossa como nenhuma; mas já n'esse tempo havia quem maldissesse do que era nosso, quem olhasse com rancor para as nossas glorias. As vezes é maldade, é outras estupidéz.

A Fernão Mendes Pinto puzeram-lhe uma alcinha com um trocadilho estúpido: Fernão Mendes? — Minto.

Quando ha annos, Serpa Pinto voltava ao reino, depois de ter atravessado a Africa de costa a costa, dizia um:

— Grande coisa! Paguem-me os hoteis e os comboios e vou fazer o mesmo!

Uns mãos, outros idiotas. Quasi sempre... idiotas e mãos.

João da Câmara.



AS NOSSAS GRAVURAS

O REI DE SIAM

E' a novidade do dia em Paris, o rei de Siam, que na sua viagem por varias cortes da Europa, chegou agora á grande capital do mundo civilizado.

O monarcha aziatico Chulalongkorn Phra-Bat Somdet-Phra-Paramindr-Maha-Chuzer, não é só grande no nome adjectivado com que se adorna, pois que quer dizer: o excellente dos pés divinos, prefeito, eminente, descendente dos anjos, augusto cume; mas um homem instruido, fallando e conhecendo bem a litteratura ingleza e perfeitamente ao facto da civilização da Europa, que, parece, desear emitir e seguir até onde os arregaçados costumes do seu paiz e religião lhes permittir.

E' assim que elle tem feito uma verdadeira revolução no seu paiz, transformando a architectura tão característica de Siam que se distinguia, principalmente em Bangkok; modificando muitos costumes e elle proprio vestindo-se á europea, como se vê na gravura que o representa acompanhado de seus dois filhos.

Entretanto nas grandes solemnidades conserva ainda o antigo vestuario, e assim deu entrada em Paris com a sua tunica bordada de ouro e pedras preciosas, ostentando varias condecorações do seu paiz e estrangeiras onde sobressahia a Legião de Honra.

O presidente Faure foi esperal-o a gare onde lhe deu as boas vindas em inglez a que o rei aziatico correspondeu na mesma lingua, continuando a conversação até ao palacio da Avenida Hoche onde ficou alojado por conta do governo francez.

O povo de Paris correu a ver o rei de Siam, e por todo o trajecto se accumulava em grande quantidade, constituindo a visita d'este monarcha mais uma distração para os parisienses.

Segundo diz um correspondente o monarcha siamez não podia chegar mais a proposito a Paris. No mesmo dia em que o monarcha oriental deu entrada na grande cidade, encerrava os seus trabalhos o congresso orientalista europeu, que se propõe demonstrar que não ha raças superiores e raças inferiores e que se deve procurar associar todos os elementos que o progresso vae pondo em contacto, para o maior bem da humanidade.

Efectivamente é dever de todos trabalhar para a grande união da humanidade, acabando com essa differença de raças inferiores e raças superiores, que os sabios orientalistas tem provado ser falso, mas, segundo diz ainda o mesmo correspondente, parece não ser simplesmente esta idéa humanitaria que fez chegar até Paris o rei de Siam.

São sabidas as difficuldades que se levantavam entre Siam e a Franca na região de Mekong, e o quanto a politica ingleza concorreu para comprometter a questão, por isso a vinda agora a Paris do rei de Siam bem se pôde considerar mais um triumpho diplomatico do sr. Hanotaux ministro dos estrangeiros de Franca pois é de prever que influirá seguramente para o reatamento de boas relações entre os dois paizes.

O rei de Siam é o quinto monarcha da sua dynastia e subiu ao throno por morte de seu irmão, quando contava apenas 13 annos. A sua pouca idade tornou necessario a nomeação de um regente, sendo escolhido para desempenhar essa elevada commissão Choa Phya Surgawouyze, ministro da guerra, que por espaço de dez annos governou o paiz com acerto e energia.

Durante aquelle tempo o joven principe foi educado por puritanos inglezes, razão porque conhece a lingua e a litteratura ingleza, o que lhe permittiu certamente pôr-se ao facto dos costumes e progressos da Europa, que lhe calaram no animo.

Chegando á maioridade, em 1873 tomou conta

do governo do seu paiz, e d'ahi datam as reformas que empreendeu.

O rei de Siam permite-se a polygamia, pelo que tem um serralho com centenas de mulheres; estas, porém, não tem os mesmos direitos que as esposas legitimas que a lei religiosa dos parsis lhe permite e só a progenitura d'estas é que tem direito ao throno.

O serralho é guardado por outras *doeñas* em vez de eunucos, e quando ha discordias entre as preferidas do soberano, aquellas mulheres encarregam-se de restabelecer a ordem, ou por boas palavras ou a chicote, que é sempre argumento decisivo.

O actual herdeiro do throno de Siam é o principe Maha Vajwowitz, filho primeiro da segunda rainha, por ter morrido o filho da primeira. Este principe nasceu em 1880. O segundo filho é o principe Chakrapat, mas mais conhecido pelo nome de Thoon Kramon Lek.

Vestem tambem á europea como seu pae, e como elle vão sendo educados á europea tambem, não sendo para admirar que o reino de Siam siga as pisadas do Japão, cujos progressos são hoje um facto consummado.

E de esperar que o monarcha siamez visite tambem Lisboa.

EDIFICIO DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

Já nos referimos largamente ao novo edificio da Sociedade de Geographia de Lisboa, na rua de Santo António, quando publicamos a gravura da grande sala denominada *Portugal*, em que a mesma sociedade celebra as suas sessões sollemnes e onde tem estabelecido o seu museu colonial.¹

Hoje publicando a gravura que representa a vista exterior do edificio, pouco mais temos a acrescentar ao que ficou dito.

O bello edificio, nova sede da Sociedade de Geographia, e dos mais architectonicos e sumptuosos que Lisboa possui hoje. Entalado em uma rua estreita e bastante irregular, tem a gente vontade de o arrancar d'alli e pol-o á frente da Avenida ou de uma praça, onde se podesse ver bem e gosar a sua perspectiva grandiosa.

Fiz pena que a direcção dos antigos Recreios Whitboyne, não encontrasse melhor local para a nova construcção, quando foram desalojados do antigo jardim dos srs. marqueses de Castello Melhor, por motivo de expropriação, para a abertura do tunnel do Rocio e edificação da nova gare dos caminhos de ferro.

Construiu-se o novo edificio ao sopé de uma montanha cujo desaterro gastou grandes sommas e absorveu o melhor do dinheiro orçado para a obra, e tanto que a certa altura dos trabalhos faltou o capital para a concluir e assim estaria, Deus sabe por quantos annos, se as festas do centenário da India, não fizessem reconhecer a necessidade de um palacio para a celebração de grandes conferencias e outras solemnidades da occasião.

Foi assim que a commissão executiva das festas do centenário, de combinação com a Sociedade de Geographia, accordou em alugar a grande praso a parte do edificio dos Recreios, que estava por acabar, e apropriar-a ao fim desejado de modo a ficar com diferentes salas além de um vasto salão para as grandes conferencias e sessões sollemnes.

E d'este modo se transformou o edificio dos Recreios, destinado a concertos, bailes e outros divertimentos, no Palacio do Centenário, sede actual da Sociedade de Geographia de Lisboa.

A gravura dispensa a descripção minuciosa da parte externa do edificio, e que pela maneira que está desenhada, de um ponto de vista, que a photographia não pôde dar por não ter a rua de Santo António largura sufficiente para a objectiva o apanhar, dá perfeita idéa da sua grandeza, apresentando o aos olhos do espectador, como elle o não pôde ver no natural.

Para muitos, estamos certos, que sera uma novidade a perspectiva que o edificio lhes apresenta, embora tenham transitado pela rua de Santo António e até parado defronte d'elle para o admirarem; entretanto podemos affiançar que a vista que apresentamos é fiel e se a magestosa edificação estivesse em logar desatrontado, onde se podesse disfrutar devidamente, seria esta a perspectiva que havia de mostrar aos olhos dos espectadores.

EM VILLEGIATURA

A gravura que apresentamos aos nossos leitores, reproduz uma d'essas scenas que se passam

¹ Vid. paginas 163 e 164 do presente vol. n.º 669.

na presente estação do anno, a estação das villegiaturas, por essas praias e thermas, em que uma boa parte da população das cidades, e principalmente de Lisboa, vai gosar os prazeres campestres, em *pic-nics*, passeios por terra, ou nas praias e lagoas, em barquinhos, colhendo flores d'entre os massios que orlam as margens e vogando docemente pelas aguas serenas do lago, como as gentes meninas do nosso quadro.

Não tarda o sopro do inverno, e tudo recolherá ás cidades, por isso é aproveitar os poucos dias que ainda possam haver de sol, d'esta segunda primavera do anno, para gosar esses prazeres campestres, mais hygienicos e salutarés que os do inverno, nos salões de baile ou nas salas dos espectáculos.

DAS CRENÇAS

Uma das mais significativas características da superioridade do homem em face das demais espécies de seres vivos que povoam a terra é o phenomeno das religiões.

Phenomeno tanto mais notavel, quanto é complexa a sua textura e difficil senão impossivel de descrever o termo inicial em que foi realidade.

De que tenhamos conhecimento, só o islamismo pode ser acompanhado precisamente, desde a hora em que Mahomet concebeu o Alcorão até ao momento actual.

Essencialmente psychicas, as religiões escapam na consciencia aos processos ordinarios de observação e analyse experimental, a que estão sujeitos muitos factos do mundo physico, do dominio absoluto dos sentidos.

O Christianismo apresenta tambem algumas obscuridades relativas ao viver do seu divino fundador, no periodo que decorre da discussão famosa com os doutores até á época em que dá começo á sua missão sublime de regeneração da humanidade.

As antigas religiões porque se regeram na sua fé as gerações extinctas, apenas constituem actualmente fonte mais ou menos legitima para estudos largos, e thema apropriado ao exercicio da erudição.

Pondo de parte as narrativas biblicas, e abstractando até de todas as tradições e de todos os monumentos do passado, nós somos levados a encontrar a primeira manifestação da crença religiosa no recinto mysterioso da propria consciencia.

E forcoso, dadas as condições do ser intelligente e as naturaes tendencias da natureza humana, que o primeiro ou os primeiros antepassados da nossa especie, tenha ou tivessem ficado absorptos diante do espectáculo do Universo.

Tudo era revestido da maior novidade, e de molde a accentuar no animo do espectador a idéa da sua quasi nulla influencia e do seu nenhum valor.

Com o andar dos tempos, a attenção curiosa dos homens primitivos estimulou-os pouco a pouco, fortaleceu-lhes a vontade, e installou-os na realza soberana que lhes era dado exercer sobre tudo que os cercava.

O seu dominio porém, ficou sempre inferior á meta dos seus designios, e alguns elementos sempre testemunharam de poder mais alto.

A noção de Deus parece-nos pois, a primeira a irradiar no espirito na aurora dos seculos.

Depois, o desenvolvimento da familia humana, as necessidades instantes e os incitamentos dos appetites e das paixões grosseiras, disseminaram por logares diversos os seus membros respectivos que constituíram outros tantos grupos ainda mal delineados.

Ao principio, pequenas questiunculas, logo transformadas em luctas ambiciosas de posse, cavaram separações mais e mais profundas, abyssos verdadeiros que fizeram ver a um homem o seu inimigo irreconciliavel n'outro homem.

E' provavel que fosse então que certos espiritos elevados e nobres, a que não agradavam cousas mesquinhas, e que tinham a comprehensão nitida da Eterna belleza, tentassem abrandar os odios fraticidas, chamando as gentes á contemplação da verdade sublime, estampada na face luminosa d'estas cousas grandes de que nos é de fêso ver a estrutura intima e ás quaes chamamos a Terra, a Agua, o Céu!

Teria sido esta a origem de revelação externa para as religiões, ou antes, para a Religião.

Não ha senão uma religião, visto ser um só Deus a sua fonte necessaria e a chamma inextinguivel que a alimenta, embora as mil formas extravagantes e as praticas singulares de todos os

coltos, e as phantasias de imaginação de todos os innovadores.

Todos os povos do mundo conhecido, a partir das epochas remotissimas a que lograri chegar as investigações historicas e terminando pelas noticias dos navegadores modernos, dão conta de pontos de analogia que approximam logicamente as crenças mais aparentemente extranhas.

Uma crença nem é um facto accidental, nem uma acquiescencia ou uma alienação puramente dependentes da determinação individual ou collectiva, é algo de imponderavel na esphera organica do ser racional, demonstrando intrinsecamente na adhesão plenissima do eu, o fundamento moral e extra-mundano em que assenta.

D. Francisco de Noronha.

A REAL FABRICA DAS SEDAS

(Concluido do numero anterior)

Logo que se espalhou a noticia de que entre nós se estabeleciam fabricas de sedas, concorreram a Portugal varios fabricantes francezes e entre elles Luiz Ferrier e Estevão Giugu. O primeiro trouxe consigo dois companheiros, os quaes ainda não passado um anno, se retiraram. Ficando Ferrier, auxiliou elle muitissimo com a sua cooperação o estabelecimento da fabrica, armando por suas proprias mãos diversos teares de fazendas que se não sabiam fabricar, ensinando grande numero de aprendizes, e fazendo a bem d'ella serviços importantes sob as suas diferentes administrações até 1783, anno em que falleceu sendo Inspector das Manufacturas.

Giugu chegou a Portugal em 1738 e egualmente se conservou na fabrica até 1770, em que foi aposentado por velho e doente. Em 20 de dezembro de 1771, havendo pouco tempo que elle fallecera, a direcção passou um attestado, de que José Accursio achou o registro n'um livro d'aquelle tempo, no qual se diz que no anno de 1738, fôra Giugu empregado em um tear de seda de matiz e que logo depois, ordenando-se a um dos contramestres da fabrica que armasse um tear de damasco de ouro, ignorando este o modo da armação, Giugu desempenhou esta empreza com muita agilidade. Pôde, pois, affirmar-se que foi este o primeiro que fez em Portugal o damasco de ouro. Este bom serviço lhe grangeou a nomeação de contramestre, em que sempre se conservou.

Emquanto esteve em poder da companhia fundadora, foi dirigida a fabrica por tres direcções administrativas. A primeira durou desde 5 de outubro de 1734 até 31 de janeiro de 1745, e n'ella houve grandes perdas, de importancia tal que, no fim d'este periodo, os materiaes em fazendas existentes e as dividas activas apenas compensavam o dinheiro pedido de emprestimo a juro, e réis 12.800.000, que o administrador Manuel da Silva Tojal desembolsara, dos quaes foi pago pela seguinte administração. Esta segunda direcção durou desde o 1.º de fevereiro de 1745 até 31 de outubro de 1747; a terceira desde o 1.º de novembro de 1747 até 15 de junho de 1750, em que a fabrica se achou na maior decadencia, por falta de capital, resultado este muito de esperar attenta a grande immobilização que se fez com o emprego nos edificios de mais de metade da importancia dos fundos com que entraram. Tambem concorreu bastante a necessidade de tomarem a juro avultadas quantias, para compra de moveis, utensilios, materiaes, ordenados e mais despesas necessarias para o custeio de uma fabrica de tanta grandeza como aquella.

A Godin faltaram-lhe então os meios, porque os accionistas sendo convocados duas vezes para resolverem sobre as providencias a adoptar, uns não compareceram e outros esquivaram-se a reforçar o capital.

Constou isto a el-rei, que mandou expedir um Aviso assignado pelo secretario de estado Marco Antonio de Azevedo Coutinho, em data de 15 de dezembro de 1749 e dirigido ao corregedor do cível da cidade Luiz Manuel de Oliveira, no qual se lhe ordenava que mandasse vir á sua presença o arrematante Roberto Godin e os directores eleitos da companhia, e os obrigasse a assignar termo de proverem dentro de trinta dias a fabrica de tudo o necessario, para lavar com todos os mestres, officiaes e aprendizes que tinha e se deviam augmentar na forma do contracto, e emquanto a não fornecesse, pagassem os salarios devolutos, sob pena de não assignando o referido termo, ou não o cumprindo no tempo determi-

nado mandaria Sua Magestade avaliar a fabrica, seus instrumentos e fazenda simples que tivesse e consignar o seu preço em juizo, para se entregar a quem pertencesse e dispor da conservação e augmento da fabrica como fosse servido.

Efectivamente, a nada se deu cumprimento e então a fabrica passou para a Real Fazenda, e eis uma nota do inventario que se fez á revelia dos interessados, pois que embora citados nenhum compareceu:

Pelo exame da escripturação, viu-se que a companhia dispendera nos edificios da fabrica a verba de 32.852.595 réis, da qual, abatendo 2.841.550 réis custo da horta do *Bedio*, materiaes e jornaes, que n'ella se empregaram, 2.133.795 réis importancia dos materiaes que sobraram e que foram vendidos em utilidade da mesma companhia e 167.945 réis, em que se avaliou o cobre da tinturaria, ficou sendo o custo liquido do edificio de 27.709.305 réis. Os teares com seus pertences e mais utensilios e materiaes primas foi tudo computado no valor de 4.935.279 réis.

Por decreto de 14 de maio de 1750, foi Vasco Lourenço Velloso investido na administração da fabrica, para a fazer laborar por conta da Real Fazenda.

A laboração da fabrica pôde avaliar-se pelas obras que então se manufacturavam, pelo numero, e qualidade dos teares que eram os seguintes:

17 Teares para brilhante	
16	" " setas de matiz
10	" " luatrina ou damasco de ouro
7	" " peluca
5	" " setim
4	" " grodetur
2	" " vestias bordadas
2	" " saias bordadas
2	" " gorgorão
1	" " velludo lavrado
1	" " persiana
1	" " véos de hombros
1	" " lenços de côres
1	" " riço
1	" " damasco para mithras
1	" " galacé de ouro
1	" " lhama
1	" " canellão
1	" " mantos
5	" — desarmados

N'um total, pois de oitenta teares, afóra onze de meias, dos quaes estavam em exercicio apenas cinco.

Por aqui se vê que ainda não se fabricavam os galões de ouro, manufactura que o governo introduziu depois.

Da administração de Velloso dá desenvolvida noticia José Accursio das Neves e nos capitulos seguintes do seu precioso livro, já citado, historia minuciosamente a passagem da fabrica para a antiga Junta do Commercio, em que teve então o seu periodo mais brilhante.

Ao principio, tratou-se apenas da fabrica das sedas, porém muitos outros generos de industria se foram aggregando e engrandecendo este estabelecimento, a ponto do Marquez de Pombal a considerar uma escola de ensino e educação industrial, a que elle nos seus officios chamava *Real Collegio de Manufacturas Nacionaes* de que sahio grande numero de industrias, como as dos chapéos, cutellaria, estuque, pentes, caixas de papelão, vernizes, relógios, serralheria e limas, louças, botões, fundição de metaes, tapeçarias, xarões, etc., etc.

De todos estes estabelecimentos e do seu desenvolvimento dependente ou autonomo e simultaneo com a Real Fabrica das Sedas ainda José Accursio das Neves offerece as mais interessantes noticias.

Não nos sendo pois possivel, em limitado espaço, esboçar uma historia completa da Real Fabrica das Sedas, remettemos o leitor ás *Noções Economicas*, e onde ha referencias a ella que alcançam a 1826, anno em que ainda a Real Fabrica manufacturou sedas no valor de 21.936.304 réis e vendeu dos seus productos na importancia de 13.366.950 réis.

Esteves Pereira.

OS ROMANOS Á MEZA

E' facto averiguado que, quanto mais simples e primitivos forem, em qualquer época, os costumes de um povo, maior grau de uniformidade apresentarão as suas refeições.

Sem que hajamos de transpôr nossas fronteiras, encontraremos, em diversas regiões do paiz, confirmada a verdade de semelhante afirmativa, e mais particularmente, entre a gente do campo e aldeias sertanejas: — a borôa, uma mão-cheia de azeitonas, uma sardinha salgada, alternando com o classico bacalhau, ou um náco de queijo empedernido, entre os rudes serranos; o caldo de couves com as migas de borôa representam — salvo mui ligeiras variantes, determinadas, em cada uma das quatro estações do anno, pelos productos naturaes que lhe são proprios, a lista obrigada e uniforme das tres refeições quotidianas.

Pouco se lhe avantajam as da gente da beiramar, e isso mesmo, devido unicamente aos acaços e surpresas da rede de pesca.

Já os gregos se haviam valido de um recurso do mesmo genero como principal elemento nutritivo, substituindo, porém, a cevada e a aveia ao centeio — e o caldo negro dos Espartanos é figura de rhetorica que, em epoca ainda pouco atastada, reaparecia a todo o instante quer em discursos quer em artigos politicos. — Referem-se os classicos latinos á parca alimentação de seus coetaneos, afirmando alguns que a propria classe patricia vivia mais de açorda que de pão. Plauto em suas comedias applica mais de uma vez aos romanos o apôdo de *papa-açorda*, tal qual hoje em dia os francezes alcunham os allemães de devoradores de choucroute, — corruptella franceza da Sauerkraut, especie de sallada, cujo principal elemento é o repolho fermentado, e que constitue entre a gente teutonica prato nacional; ou

No derradeiro século da republica, as tres refeições periodicas dos romanos eram repartidas durante o dia, tal qual o haviam sido as dos antigos hellenicos, a saber: em primeiro almoço, segundo almoço, e jantar, refeição principal que apenas tinha lugar depois de concluidos os trabalhos e tarefas do dia util.

Conservam ainda esta divisão periodica a maioria dos povos d'origem latina; os normandos romanizados transportaram-na — algum tanto modificada, porém — para a Inglaterra, emquanto que os povos germanicos, mantendo a sua primitiva usança, tomavam a refeição principal no meio do dia, e continuavam depois suas occupações e trabalhos até ao por do sol.

Esta primeira refeição tinha o nome de «jenticulum.»



EDIFÍCIO DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, NA RUA DE SANTO ANTÃO

(Desenho do sr. J. R. Christino)

E', portanto, de suppôr que, n'esses tempos remotos e ainda rudes da antiga Roma — a Roma monarchica —, durante as guerras punicas e mesmo em eras pouco anteriores á dos Cesares, a differença entre o almoço, o jantar e a ceia fossem nullas, ou pouco menos.

A influencia da civilisação hellénica, os exemplos da sumptuosidade, do luxo do extremo Oriente vieram, porém, transformar a singeleza dos costumes romanos, durante ainda o periodo decadente da republica, e é n'essa epoca que as refeições quotidianas principiaram, entre esse povo, não sómente a extremar-se, como que tambem a apresentar mais variedade, a qual estava, assim mesmo, bem longe dos excessos e requintes gastronomicos que vieram a atingir posteriormente, nas epocas cesareanas.

Na Roma antiga, republicana, a lei decretára, como base da publica alimentação, o uso do «puls», especie de açorda ou papas de centeio, que n'esses tempos primitivos representava o mesmo papel que compete actualmente ao pão.

como nós familiarmente designamos os nossos compadres inglezes pelo cognome de *bifes*, aporluguezando o vocabulo *beef*, que em lingua ingleza quer dizer carne de boi.

Acompanhavam a açorda ou as papas de centeio, servindo de *conducto*, segundo a expressão da nossa gente do campo, legumes, hortaliças e os fructos da estação. Carne, de qualquer especie que fosse, só a comiam em casos mui excepcionaes — ao contrario dos gregos dos periodos heroicos, aos quaes, pelos modos, não havia carne que tartasse, — ministrando assim argumento triumphante contra as theorias vegetareanas; pois é inegavel que d'esses insaciaveis devoradores de carne sahiram os contemporaneos de Homero, e os de Pericles, esses homens tão ricamente dotados pela natureza com os predicados todos que constituem uma raça superior; emquanto que entre os frugaes *papa-açordas* da cidade das sete colinas, avultava o bestial gladiador, o boçal retiario e quejandos virtuosos da crueldade brutal.

Eram os romanos grandes madrugadores, e as proprias recepções officiaes da côrte imperial realisavam-se antes do romper do sol — o jenticulum, por tanto, as mais das vezes, devia de ser servido ao despontar da aurora, e como as casas da primitiva Roma recebiam, em geral, pouquissima luz exterior, em aposento artificialmente alumeados.

As mencionadas papas de centeio, que ainda em periodo muito posterior constituíam na refeição da manhã e na da tarde, como hoje diriamos, o prato de resistencia, eram na era dos cesares, a base fundamental do jenticulum, principalmente no campo.

Nas cidades, e outros importantes centros de povoação, os fornos e padejos publicos facultavam ampla provisão de pão, com o qual os habitantes faziam as sôpas de leite. Os gregos, que tambem conheceram o fabrico do pão, preferiam ingerir-o em sôpas de vinho, e menos effeminados do que os seus successores, era este, geralmente, para elles o primeiro almoço.

Facto singular, os padeiros que andavam de porta em porta vendendo o seu pão ainda quente do forno, e o apregoavam pelas ruas, eram designados por pedagogos, tal qual como os escravos a cuja vigilancia eram entregues os rapazes que frequentavam as escolas e que a ellas os acompanhavam; e ambas as classes forneciam typos caracteristicos, os quaes, logo desde o lus-

las eras, preparado com as ovas do atum, e vieram acrescentando, com o andar dos tempos, outros que taes acepipes na lista do jentaculum, afim de tornarem mais ligeira esta refeição, quando succedia terem na vespera prolongado a da tarde, e permanecido a bebericar horas esquecidas, circumstancia assaz vulgar entre a gente patricia e seus apaniguados.

dium. Quer o nome, quer a circumstancia por elle designada conserva-se ainda hoje, adulterado por successivas evoluções linguisticas, no idioma italiano, sob a forma *pranzo*, emquanto que nós, portuguezes, de jentaculum fizemos *jentar*, *jintar* ou *jantar*, designando assim a refeição média do dia, e a primeira ficámos chamando almoço, posto que, tal qual como os italianos e os



EM VILLEGIATURA

que-fusque da aurora, concorriam a animar a physiognomia pinturesca das ruas e villas, na cidade dos sete-montes.

Figuravam eventualmente no primeiro almoço ovos, passas de uva e de outros fructos, azeitonas, e com mais frequencia ainda, queijo, que na classica antiguidade desempenhava na alimentação popular o papel que ainda hoje lhe cabe na Italia e na Hespanha.

A gente rica ou remediada fazia pela manhã grande consummo do «garum», o kaviar d'aquel-

Ordinariamente, porém, o jentaculum não passava de uma refeição frugal e simples, até para os proprios borrachos e egrégios comilões, (que em Roma, pelos modos, uns e outros, eram de respeito); o que seria provavelmente devido á hora a que era servida — os deveres sociaes, as tarefas e occupações quotidianas de cada um, não permitiriam decerto outra coisa.

Chegada a sexta hora, a qual, pelo nosso horario actual, coincidiria com as onze ou onze e meia, realisava-se o segundo almoço, o *pran-*

hespanhoes, conservassemos a palavra *caena*, *ceia*, mantendo-lhe a significação latina, para designar a ultima refeição do dia. A differença entre o *prandium* e a *caena*, era a mesma que hoje vai entre o *déjeuner* e o *diner* dos francezes, ou o *almuerzo* e a *comida* dos nossos visinhos hespanhoes.

Consistia o *prandium*, conforme as circumstancias, de iguarias quentes ou frias; e era caso frequente servirem a essa hora o remanescente da *ceia* da vespera. Ovos, peixe, lagosta e outros

crustaceos eram, ao que parece, iguarias preferidas na composição do prandium; assim como também grande variedade de legumes, não falando nas inúmeras espécies de couves, repolho, brócolos e outras hortaliças, temperadas com azeite, ou gordura.

Os romanos, tanto ao jantar como à ceia, acompanhavam a comida com bebidas mais ou menos fortes: vinhos tintos, leves, adelgaçados com água, água-pé, provavelmente para as primeiras entradas; depois o *mulsum*, especie de geropiga, mixto de vinho branco e mel; e, à sobrezeza, uma bebida espessa, adubada, no genero do ponche, a que chamavam *calda*, e que era servida a ferver, em grande cratera ou malga, da qual cada um dos convivas a tirava com uma colher para a sua taça ou copo. Os romanos não souberam fabricar aguardente.

Entre o prandium e a ceia, visto a hora a que tinha lugar o primeiro, permeiava o prazo mais importante e mais activo do dia, não é, pois, provavel que, durante o jantar, os romanos se entregassem a grandes demasias, no que respeitava a bebidas; e se ponderamos que as leis prohibiam a todo e qualquer individuo ou corporação legislativa, emittir ordens ou formular sentenças depois do sol posto, não será arriscado concluirmos que, sendo esse o periodo do dia em que se realisava a ceia, ultima refeição quotidiana, para essa hora ficassem reservados os grandes bródios e reuniões alegres dos amigos da boa pinga. Palestras sobre assumptos litterarios e politicos, recitação de poesias novas, e outros assumptos menos orthodoxos em que não deixaria de entrar a má lingua, e em que cada convidado iria cortando a larga na *toga* do proximo, vinham animar a ceia e servir-lhe de condimento. Excepções a esta regra, havia-as sem duvida, era mister, porém, procural-as entre a classe dos ricos ociosos, e do vasto numero de parasitas que, à sombra dos vicios dos primeiros, iam alimentando os proprios vicios, e essa classe era em Roma assaz numerosa: prolongavam por duas horas, ou mais ainda o prandium ou jantar, passavam outra nas delicias e voluptas do banho, e em seguida, coroados de flores e estendidos na maca ou camilha portatil de seda bordada, transportada ás costas pelos escravos, lá iam matar o tempo para as frescas e umbrosas alamedas do *Campus Martius*, e apenas um ou outro, mais activo, cavalgava o seu fogoso corcel branco da Cappadocia, ou o poldro alazão oriundo do sul da Hespanha.

Ao cair da tarde volviam ao domicilio, e penetrando na recamara ou guarda-roupa, ajudados pelos escravos de serviço interno, despindo a toga, envergavam a *synthesis* de convivas. Esperava-os no sumptuoso *triclinium*, a sala de jantar dos romanos, a ceia, que para a gente da vida alçada pouco menos frugal seria do que o almoço, — e dizemos frugal mas não sobria — pois ella apenas servia de pretexto para de novo se entregarem ás demasias da bebida.

A *ceia*, ou refeição principal, coincidia, porém, para o maior numero, com o fim do dia útil de trabalho; tinha lugar, regularmente, entre as 4 e as 5 horas da tarde, embora fosse caso frequente prolongarem-na pelas horas nocturnas. Semelhante prolongamento tinha limites; os romanos foram sempre madrugadores, e n'essa conformidade, deitavam-se cedo. A ceia, ou jantar das 6 horas, pois, modernamente, as duas refeições andam um tanto confundidas, é de uso geral entre os povos do sul da Europa, herdeiros mais directos da antiga civilização romana.

As ardências do clima meridional, durante o estio, tornam mais difficil e penoso todo e qualquer trabalho, e os romanos, portanto, n'essa época do anno, almoçavam mais cedo, o que, naturalmente, influiria também no horario do jantar e da ceia.

(Continua.)

Pin-Sel.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

(Continuado do n.º 671)

XIV

Perdida a esperança de reunir á frota a caravella *Santo Antonio*, continuou Magalhães a viagem pelo estreito descobrindo a sueste o cabo, hoje denominado pelos in-

glezes cabo Froward, mas a que os hespanhoes chamaram de Santa Agueda. A latitude austral d'este cabo foi marcado pelos navegantes em 50º 40'. O capitão King marcou depois a latitude do mesmo cabo em 53º 43', pelo, que, como nota Diego Arana, é para admirar que, com os instrumentos bastante imperfeitos de que então dispunham os navegantes, podessem fixar com tão pequenas diferenças a latitude dos logares em que se encontravam, em relação ao equinoxio.

O estreito apresentava, principalmente para o sul, grande quantidade de canaes e recifes, quasi impossivel de reconhecer, nas precarias condições em que os navegantes se encontravam, extenuados da longa viagem que traziam, abatidos pelas doenças e pelos trabalhos, desanimados, vivendo mais da esperança que animava o seu chefe que da propria convicção de chegarem a bom fim.

Fernão de Magalhães conhecia perfeitamente este estado, e quanto tinha a recear de uma sublevação da sua gente se abertamente se negasse a acompanhá-lo. O que acontecera com a caravella *Santo Antonio* podia estender-se ás outras e elle ser impotente para manter a disciplina. De quanta prudencia e tacto precisava para, quasi ao vêr coroados tantos trabalhos, não se frustrar a empresa!

Quiz ainda mais uma vez consultar os capitães e pilotos da frota sobre o que se devia fazer, para, sabendo o que pensavam, lhe apresentar as razões que tinha para seguir avante. Assim os poderia convencer melhor e desfazer os receios levantados no espirito da sua gente.

Só é conhecida a resposta que o piloto da *Victoria*, André de S. Martin, deu a esta consulta, e essa não foi favoravel ao proseguimento da viagem. Este piloto, que era muito entendido em cosmographia, parece que tinha seus agravos de Magalhães, e, ou por este motivo, ou porque ia doente, e tanto que morreu depois na viagem, opinava pelo immediato regresso a Hespanha, visto que estava achado o estreito, e o proseguimento da viagem até encontrar o mar do Sul era muito arriscado, no estado em que os navios se achavam — e ainda peor a gente que es tripulava, — para resistir aos temporaes que podessem sobrevir, quedecerto atrazariam a viagem, correndo o risco de faltarem os mantimentos e todos morrerem á fome se escapassem das tormentas.

Não obstante esta opinião, porventura muito sensata, Magalhães deu suas razões para continuar a viagem, e a frota seguiu avante, mau grado da maior parte da tripulação.

A certa altura Magalhães mandou uma chalupa com gente explorar o estreito para o occidente. Não tinham ainda navegado muito, quando, approximando-se da Terra do Fogo, observaram que era cortada por grande numero de canaes, que separavam a terra

formando pequenas ilhas. Seguindo por um d'esses canaes chegaram ao extremo de uma ponta de terra para além da qual se descobriu então aos olhos d'aquella gente um mar vastissimo, que devia ser, sem duvida, o mar do sul que procuravam.

E' facil calcular o alvoroço que aquella descoberta produziu nos tripulantes da chalupa; voltaram presurosos a dar a nova a Magalhães, tendo gasto tres dias no reconhecimento.

Pigafetta conta que todos choraram de alegria, e em verdade não era para menos tão feliz descoberta.

Todos cobraram animo e a frota proseguindo na sua viagem chegou á tal ponta de terra, que os navegantes denominaram acertadamente Cabo Desejado.

A caravella *Victoria* ia na frente e, sahido o estreito, que Magalhães denominou de Todos os Santos, em razão do dia em que o tinha descoberto, distinguu uma outra ponta de terra onde a costa se quebrava para norte e que donominaram Cabo Victoria, em honra do navio que primeiro o dobrava. Para além d'este cabo é que se estendia o grande mar do sul.

(Continua.)

CAETANO ALBERTO.

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

(Concluido do numero anterior)

Epilogo

O leitor, que se inteirou das memorias da celebre noviça hespanhola, tem direito a exigir-nos um epilogo.

Não lhe podemos negar a satisfação da exigencia; ha de nos permittir, porém, que lhe façamos um epilogo *d'antiga*, isto é, na sua accepção verdadeira e legitima.

Um epilogo, como o entendiam os antigos, não é apenas uma breve conclusão, como hoje geralmente se pratica, mas, além d'ella, ainda o aclarar certos passos duvidosos, accentuar algumas minucias e extrahir o que parecesse haver de moralizador no assumpto tratado.

A um tal e similhante desenvolvimento oppõe-se todavia a estreiteza material do espaço. Por isso, só muito de leve, estudaremos os pontos que logicamente, seguindo o criterio esboçado, se offerecem á nossa analyse e ponderação n'estas extraordinarias aventuras.

O epilogo será pois, também, uma synthese, pela condensação imposta aos juizos a formar.

Não andam perfeitamente concordes os auctores no final da vida da celebrada noviça. O grande numero de documentos insertos na *Historia da minha afeição escrita por ella mesma*, por D. Joaquim Maria Ferrer, obra a que já nos referimos, e as averiguações especiaes de diversos eruditos contemporaneos não estabelecem nem indicam a verdade dos factos.

Corre-nos, pois, o dever de darmos conta das varias opiniões aventadas sobre o fim da aventureira hespanhola.

Como se vê das suas proprias memorias, D. Catalina de Erauso, deixa-nos de subito, inesperada, imprevisita e inopinadamente, no molhe de Napoles, em um dos seus accessos de insultuosa raiva, nos meados de julho de 1626.

Notam alguns sabios criticos que estes estaquos repentinos da acção constituem, entre os escriptores hespanhoes do mesmo genero, uma feição picaresca e tem bastante frequencia.

Assim, o *Buscon* de Quevedo não acaba; Lazzarillo deixa o leitor no meio d'um capítulo.

Como terminaria a discussão travada entre D. Catalina e as jovens napolitanas? Decerto, como de costume, ou por um golpe mais ou menos vigoroso e decisivo, mas sempre feliz, ou por uma fuga precipitada. Ou, ainda talvez, a impetuosa noviça tivesse vivo desgosto em proseguir a narração d'uma vida cheia de aventuras, tão extraordinárias e imprevisíveis, mas na sua maioria sempre sanguinolentas.

Durante um período de quatro annos, não se encontra noticia alguma a respeito de D. Catalina.

Em 1630, lêem-se n'um diário manuscrito dos successos de Sevilha, citado pelo historiador Muñoz, as seguintes indicações:

No dia 1 de julho, a Monja Alférez esteve na Cathedral. Foi ella freira em San Sebastian; d'onde fugiu, indo para as Indias, em 1603. Durante vinte annos que lá serviu, sempre a julgaram um castrado. Voltando a Hespanha, dirigiu-se em seguida a Roma, obtendo do papa Urbano VIII dispensa e licença para andar vestida do homem; etc.

«O capitão D. Miguel de Echazarreta, que já em tempos a conduziu ás Indias, como grumete, e para ali volta agora na qualidade de general, leva-a consigo no posto de alférez.»

Efectivamente, confirma-se esta noticia porque, em data de 21 de julho do mesmo anno, no folio 160 do livro de Despacho, acha-se inscripto, como passageiro da frota, que então partia para a Nova Hespanha, o alférez D. Catalina de Erauso, por cedula de Sua Magestade.

Vê-se, pois, que a nossa heroína retomara os seus antigos habitos de viajante.

Foi por occasião d'esta sua ida para a America, que o celebre pintor Pacheco a retratou em Sevilha. Essa pintura, á qual alludimos no prologo, pertencia em 1829 ao coronel Berthold Scheppler, que a tinha no seu gabinete de Aix-la-Chapelle; e é copiado d'ella o retrato que apresentamos.

Por ultimo, em 1635, o padre frei Nicolau de Renteria, da ordem dos capuchos, encontrou-a varias vezes em Vera Cruz, onde era conhecida pelo nome de D. Antonio de Erauso e fazia, com alguns machos e negros que tinha, diversos transportes de mercadorias.

Foi ella mesma quem conduziu frei Nicolau e a sua bagagem desde a costa maritima até ao interior do Mexico.

«D. Catalina era tida por homem valente, diz o reverendo padre, de muita coragem e destreza. Vestida com fatos masculinos, trazia a espada e o punhal guarnecidos de prata. Devia ter então cerca de cincoenta annos de idade; era de boa apparencia, gorda, de rosto moreno, com alguns cabellos no bigode.»

E eis quanto se sabe do epilogo da vida aventureira da extraordinária mulher.

A *monja alférez* desapareceu sem deixar o menor vestigio do seu rastro.

Morreria ella de velhice? Não sabemos.

Alguns escriptores pretendem que o seu comboio de bestas de carga foi assaltado, sendo ella assassinada por um dos muitos bandos que n'aquella epocha andavam pelo Mexico batendo os caminhos. O corpo da celebrada mulher seria atirado para o fundo de alguma das alcantiladas ravinas que orlam a estrada que va de Vera Cruz ao Mexico.

Auctores ingenuos e crentes, attendendo á vida impia de D. Catalina de Erauso, affirmam que foi o diabo que a levou.

Escusado será dizer, que não pretendemos manifestar o nosso voto e determinar com elle a verdade. Abstemo-nos mesmo muito d'isso.

O singularissimo character que, nas suas memorias, revela D. Catalina d'Erauso, seria objecto em extremo digno das considerações eruditas de um sabio psychologo. Porém, a nós, apenas nos sugere a accentuação da inexplicavel e mysteriosa dualidade com que se manifestou.

O seu genio altivo tornava-a intratavel para os homens e por isso teve com elles grande numero de contendas. Parece que nutria muito intimamente um odio violentissimo pelo sexo forte e feio. A sua natureza masculina revoltava-se indubitavelmente contra os homens.

Pelo contrario, chegou muitas vezes a ser galanteadora e amorosa para com as jovens que tinham alguma formosura; e, das suas conquistas, quem sabe a pena que lhe daria o não poder aproveitar-se!

N'estas ideias, tem abundado alguns escriptores, que, na verdade, só conseguiram desnaturar um character merecedor de mais justa apreciação pelas provas de grande coragem que sempre deu.

D. Catalina de Erauso, mantendo-se pura e virgem, no meio das desordens e dos vícios que lhe offerecia fartamente a sua vida irrequieta nos arraiaes do Novo Mundo, dá-nos um exemplo sem igual. A sua conducta, perfeitamente casta, mostra que guardou sempre aquelle natural pudor, tocante apatagio do sexo feminino, e que nunca o violou.

Sob este ponto de vista, a singular physionomia de D. Catalina de Erauso é um raro exemplo, na historia das mulheres notaveis.

A presente versão é a primeira, integral e fiel, que se publica em portuguez; tudo o mais tem sido resumos e rapidos estudos individuais dos auctores que sympathisaram com o argumento.

Foi assim um dos mais desenvolvidos, a narrativa intitulada *A freira sanguinaria*, que João Xavier Pereira da Silva publicou em 1840, nos numeros 147 a 151 do periodico illustrado lisboense *O Kamalote*, e que elle traduziu do estudo respectivo que a duquesa de Abrantes fez no *Musee des Familles* de 1838-39 e incluiu na sua obra acerca das mulheres celebres, editada por Joseph Straszewicz.

Para não supprimirmos, como fizeram esses auctores, tivemos que torcer um pouco o sentido escabroso de certas phrases desbragadas de linguagem. Já, no pequeno prologo de que precedemos as memorias, lográmos ensejo de notar o vigor masculino e a extranha maneira de descripção que D. Catalina de Erauso usou na sua narrativa.

Ampliando estas notas bibliographicas, offerecemos consignar que, cerca de 1840, se fez entre nós um drama, que obteve o visto do Conservatorio Real, mas não sabemos se chegou a ser levado á scena.

Os livros impressos em Madrid por Bernardino de Guzman, em 1624 e 1625, intitulam-se *Relacion Verdadera e Segunda Relacion*.

Os manuscritos da *Vida e successos de la Monja Alférez* pertencem hoje: um a D. Sancho Rayon, e outro á Bibliotheca da Academia Real de Historia, sendo este ultimo o que possuiu o historiador Muñoz.

Em 1838, appareceu em Barcelona uma outra edição da *Historia de la Monja Alférez*, sahida da imprensa de José Tauló, que reproduziu o texto de Ferrer.

Em francez, ha ainda outras traducções, além da que citamos, sendo mediocre a que Bossange editou em 1830, e falsa a que Alexis de Valon inseriu nas suas *Nouvelles et Chroniques*, publicadas por Dentu em 1851.

Esteves Pereira



Recebemos e agradecemos:

O Instituto, revista scientifica e litteraria. Volume XLIV—M.DCCC.XCVII—maio e M.DCCC.XCVII—abril. N.º 5 e 6. Imprensa da Universidade.

Nestes tres numeros, cuja recepção noticiamos com agradecimento, mantem a illustrada redacção, até que outra coisa se resolva, a orthographia usada por cada um dos seus collaboradores. Esta resolução dada interinamente á questião importante de uma orthographia geral por parte de aquella conceituada agremiação, faz-nos esperar com ansiedade a reforma por todos desejada. Desde que não ha um dictionario official, todos pretendem escrever portuguez correto e todavia ninguem mesmo pode ter a consciencia se o faz como deve e com acerto. Não descure pois a selecta redacção do Instituto d'este seu intento deveras louvavel, pois que á anarchia já reinante em assumpto de tanta circumstancia não tardará em se juntar uma horrivel confusão.

Todos os numeros inserem trabalhos littera-

rios e scientificos de alto valor. Não resistiremos a transcrever os dois sonetos que no N.º V publica o nosso amigo e apreciado poeta D. Thomaz de Noronha, e os quaes são duas joias do mais fino quilate; rogando desculpa ao distincto escriptor por omitirmos a citação grega do segundo, por falta de caracteres hellenicos.

AGRIA STATIO

D. D. BERNARDINO MACHADO

Venit et operati capitis Silvianus honor,
Florentia ferulas et grandia illis quassana.

VERONIA, Egloga X.

A branda lymphá que anda murmurosa,
Os discantes das moças pelas eiras,
A sombra mansa d'estas oliveiras,
Onde a ventura passa vagarosa;

A distante montanha, a leda rosa,
O arrendado das folhas derradeiras,
Os rebanhos descendo as ribanceiras,
A tarde perfumada e languorosa;

E finalmente, toda a van riqueza
Que a Terra vae mostrando... não me cura
Da magua, do cuidado e da tristeza...

De que me serve tanta fermosura! ?
Se do bello me vem maior certeza,
De só haver pezar da mór ventura.

PIA STATIO

CL. D. EUGENIO DE CASTRO

O' minha doce Carmo! Em vão meus ais
Vão procurando o ledo encantamento,
Onde sem dôr sem magoa e sem alento,
Eu sei que o lindo corpo descançais.

Ha muito que partistes de contento
Do peito onde e bem certo qu'inda estais,
E se por mim soffrestes não foi mais,
Do que por vós Senhora eu me lamento:

Porquê me não levastas n'esse peito,
Onde morei até á vossa ida
Para o reino da sombra e da piedade?

E porquê me alongais o duro effeito,
Vós que fostes a causa d'esta vida,
Ora feita de magoa e de ansiedade?

Coimbra, 1896.

D. Thomaz de Noronha.

Le Monde Moderne. Paris: 5, Rue Saint-Benoit — Juin et Juillet — 1897.

Temos presentes os dois ultimos volumes mensaes d'esta importante revista franceza, tão interessante e distincta, como variada e selecta no seu summario. Eis o do ultimo numero:

Le Pardon des oiseaux. La Comédie française, Les Stations d'été des Pyrénées, Les Salons de 1897, Petits hôtels modernes, En Smalah, Pêcheries de Brandebourg, Evénements géographiques et coloniaux, Le Mouvement littéraire, Chronique théâtrale, Causerie scientifique, Memento encyclopédique, etc., etc.

Um verdadeiro encanto a delicada publicação que n'este numero enceta o seu quinto volume.

Os jornaes portuguezes, sua filiação e metamorphoses. Noticia supplementar alfabética de todos os periodicos mencionados na rezenha chronologica do Journalismos Portuguez, recentemente publicada pelo mesmo auctor e agora correcta e augmentada — Lisboa, Imprensa de Libanio da Silva, Rua do Norte, 61 — 1897.

Esta noticia alfabética contem os periodicos portuguezes publicados de 1625 até 19 de outubro de 1889, dia da morte de el-rei D. Luiz I, sendo, pois, de 364 annos o periodo que abrange.

O presente livro e como que a contraprova d'aquelle que no anno passado tambem publicou o nosso inatigavel investigador jornalístico, nosso amigo e antigo collaborador, sr. A. X. da Silva Pereira.

D'essa utilissima publicação, que se intitula *Resenha chronologica do journalismos portuguez*, diz-nos o auctor haver-se esgotado a edição.

Um equal resultado desejamos vivamente á presente *Noticia alfabética*, pois que muito excede em utilidade a *Resenha* e tornece preciosas indicações para todos os que se interessam pela actividade mental do nosso paiz.

Notas d'um pae, por Bernardino Machado — Lisboa — 1897.

Num pequeno voluminho, compilou o sr. conselheiro dr. Bernardino Machado as suas *Notas d'um pae*, trabalho que já havíamos apreciado no *Instituto*, onde também foi publicado.

Assim reunidas, formam *As Notas* um manual encantador da philosophia infantil, havendo n'ellas uma finissima observação a que só um espirito tão superior como o do illustre lente da Universidade se podia permittir, formulando conclusões deveras apreciáveis. A todos aquelles que se interessam pelo desabrochar da intelligencia e mais faculdades mentes humanas, recommendamos ao *Notas d'um pae*, convictos de que hão de achar muitissima utilidade na leitura de tão suggestivo estudo.

Relatorio geral do congresso viticola nacional, vol. II. Secção económico-viticola contendo as memorias, estudos e relatorios do visconde de Chancelleros, visconde de Villar de Allen, Paulo Chiffat, dr. Manuel Bento de Sousa, professor Monte Pereira, J. da Motta Prego, João Marques de Carvalho, Joaquim Dias da Silva, etc. Illustrado com magníficos quadros graphics a cores. — Lisboa, Imprensa Nacional — 1897.

Recebemos e já se encontra á venda o segundo e ultimo volume d'esta importantissima obra, que em si comprehende as informações mais modernas, as noções mais racionais, as regras melhor organisadas em harmonia com a sciencia e com a pratica para a cultura da vinha e fabrico e conservação do vinho. O volume que se apresenta, além de conter com o mais cuidadoso detalhe as actas e relatorios da secção económico-viticola em que tão predominante lugar occupam os srs. visconde de Chancelleros e professor Monte Pereira, compendia todas as memorias e estudos que foram offerecidos ao Congresso. Assim é que n'elle figuram trabalhos sobre vinicultura dos srs. dr. Manuel Bento de Sousa, visconde de Villar de Allen, J. da Motta Prego, etc., e o relatorio magistral do illustre geologo, sr. P. Choffat, sob *A distribuição do calcareo no solo de Portugal*, illustrado com primorosos mappas a cores.

Brinde aos senhores Assignantes do «Diario de Notícias» em 1897 — Typographia Universal — 1897.

O nosso illustrado collega *Diario de Notícias*, um dos primeiros jornaes do nosso paiz, na forma dos annos anteriores, distribuiu no corrente anno, como brinde aos seus assignantes, um interessante volume, cuja publicação antecipou á época costumada, em razão de querer com elle commemorar também e por ser de todo o ponto a propósito para isso, o quarto centenario da partida de Vasco da Gama para a descoberta do caminho das Indias.

Constitue o brinde um romance historico, original do sr. Lourenço Cayolla, denominado *O despertar d'um sonho*, e tendo por subtítulo o de *Episodios da descoberta do caminho maritimo para as Indias*.

O apparecimento de outro trabalho original do mesmo auctor *Coração Doente*, provocando um successo, marcou ao sr. Cayolla um lugar distincto entre os nossos romancistas, e o *Despertar de um sonho* não pode deixar de confirmal-o com o mais bello exito.

A cerca do primeiro Marquez de Niza — Lisboa — Empresa do «Occidente» 1897.

O nosso erudito e venerando collaborador sr. Ramos-Coelho publicou em *separata* do nosso periodico, constituindo uma nitida *plaque*, este seu estudo acerca do primeiro Marquez de Niza, o qual os leitores já tiveram occasião de apreciar. Agora, apenas noticiaremos o apparecimento da edição que se fez especialmente do interessante trabalho.

Jornal do Coração por Adolpho Portella — Nos I, II e III. Porto. R. da Alegria, 488.

A absoluta falta de espaço com que luctamos, tem-nos a nosso pesar inibido de noticiar o apparecimento d'este encantador hebdomadario, um verdadeiro mimo, como não podia deixar de o ser, attenta a delicada orientação e fino talento de quem o dirige e muito exclusivamente n'elle collabora.

«Contos portuguezes, impressões de arte e critica. — Os homens e as coisas da nossa terra»

constituem um suggestivo summario, de cujo desenvolvimento mais e mais se afirma o que acima dissemos.

A' graciõsa publicação, desejamos um futuro prospero, uma longa vida e larga acceitação, no que se consubstanciará uma honra tão desvanecedora para o illustre poeta que a dirige, como um justo louvor para os leitores portuguezes que a apreciarem.

O jornal dos Romances — Rua de D. Pedro, 178 — Porto.

Temos recebido com a maxima regularidade esta interessante publicação illustrada, unica no seu genero entre nós e que insere a continuação dos romances: *Joaquinha, a costureira*, *O Romance d'um Soldado*, *A cidade Aerea*, a interessante novella, intitulada *As tragedias da vida «Dedicación»*, e secção recreativa.

La reliure moderne et les travaux de M. Alfredo David, à Lisbonne. N.º 194 de la Revue universelle — Geneve.

Recebemos o numero acima da apreciavel revista genoveza, escripta em francez, e tomámos para epigraphe d'esta noticia, um artigo deveras interessante para nós e muito lisongeiro e desvanecedor para o sr. Alfredo David, conceituado en-



D. CATALINA DE ERAUSO — Vide *Aventuras d'uma noviça*

(Copia de um retrato do celebre pintor sevillhano Pacheco)

cadernador lisbonense, cujas officinas descreve com justos louvores.

Sendo todo o trabalho de encadernação e brochura da nossa revista e d'outras publicações da empresa do OCCIDENTE ali feitas, e com verdadeira alegria e conhecimento de causa, que vemos fazer-se justiça ao laborioso industrial.

Catalogo geral de impressos em deposito na casa Minerva — Coimbra — Agosto de 1897 VII — edição.

O nosso amigo e conceituado industrial conimbricense sr. José Monteiro Pinto Ramos offereceu-nos este catalogo illustrado pelo, qual se vê perfeitamente a grande importancia que attingiu o seu estabelecimento typographico, de encadernação e papelaria.

Nitidamente impresso e solidamente cartonado, faz muita honra o presente livro ás officinas dirigidas pelo sr. Pinto Ramos, a quem expressamos os nosso mais calorosos elogios.

Gazette Diplomatique et Consulaire du Portugal — Publication mensuelle. — Directeur — Carlos Lisboa, 2.ª année.

A magnifica publicação, cujo titulo se acaba de ler, veio supprir uma falta importante no nosso meio, onde as publicações especiaes são tão poucas e tão falhas.

Superiormente dirigido, muito selectamente escripto, bem impresso e profusamente illustrado, ha n'este periodico um todo de distincta apresentação que muito captiva.

Resultando dos seus artigos um sublimado patriotismo, uma pugna desinteressada pelos interesses portuguezes nas colonias e no estrangeiro, torna-se para nós a presente revista um collega, com cuja permuta muito nos honramos, esperando que elle desfrute uma muito longa existencia, de que é justo penhor a vida que já conta.

A Estação de Paris — Revista de modas, litteratura e bom tom. — Lisboa.

Entrou no terceiro anno, cada vez mais apreciada de todas as senhoras portuguezas e brasileiras, a *Estação de Paris*, de que acabamos de receber o n.º 65.

Este numero traz deliciosos figurinos de praias e villegiatura, um molde cortado com gravura explicativa e a seguinte primorosa collaboração:

Os nossos figurinos. — De Paris a Lisboa: A moda. — Livros Novos. — Feminismo. — Chronica quinzenal. — A Senhora Ratazi: O Grande Galeoto. — Anthero do Quental. — Esthetica portugueza. — Correio da Estação de Paris, etc.

Actualidades. — Semanario Popular Illustrado. — Lisboa. — Maio de 1897.

No seu prospecto dizia esta nova publicação:

«O semanario «Actualidades» dedicar-se-ha especialmente a reproduzir pelos diferentes processos de gravura os acontecimentos mais importantes de Portugal e estrangeiro. Na sua parte litteraria procurará igualmente occupar-se dos assumptos de actualidade em qualquer dos ramos de actividade humana, e terá a collaboração dos mais distinctos escriptores portuguezes e estrangeiros.»

Effectivamente tem cumprido fielmente o seu programma.

Sociedade protectora das Cozinhas Economicas de Lisboa — Lisboa. — Typographia Palhares. — 1897.

Recebemos o relatorio da direcção e o parecer do conselho fiscal relativos á gerencia de 1896.

Ambos estes documentos se acham muitissimos bem elaborados, mostrando claramente o estado da util e benemerita instituição.

Assaz complexos o movimento, e laboração das cozinhas economicas, não permittem um desfiamento facil os dados estatisticos que temos presente, porém, são na verdade bastante elucidativos.

El Domingo — revista artistica y literaria — Anno 11. — N.º 65.

Recebemos pela primeira vez — e desejamos não seja a unica — o favor da visita d'esta revista illustrada que se publica em Madrid e insere varias photographuras e uma esmerada collaboração.

Embora inferior á sua congénere e com patricia *Blanco y Negro*, é uma revista muito apreciavel.

Almanach Illustrado do «Occidente»

Para 1898

Entrou no prelo este esplendido annuario para 1898 e recebem-se annuncios até o fim d'este mez. Desde já se recebem encomendas na EMPRESA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

LIVROS PARA RIR

O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Tradução de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a cores

PREÇO 200 RÉIS, PRELO CORREIO 220

Pedidos á *Empresa do Occidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte. Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á *Empresa do «OCCIDENTE»*

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 35 e 39